

## FILOLOGIA ROMÂNICA

Maria Lucia Mexias-Simon (USS)  
[mmexiassimon@yahoo.com.br](mailto:mmexiassimon@yahoo.com.br)

### 1. Objeto e métodos

Se bem que só, há poucos séculos, se fale em Filologia Românica e a noção de uma ciência histórica necessária para o estudo das línguas românicas, escritas e faladas, só a partir do último terço do século passado apareça ligada àquela designação, o certo é que ela não constitui uma descoberta das últimas gerações. Já na Idade Média, se tinha desenvolvido o seu estudo, se considerarmos o trabalho preparatório – orientado para outras facetas – que, em parte, serviu a outros objetivos; já existia em germe, quando os homens começaram a ocupar-se da língua e da literatura românicas, nos países românicos, com fins práticos e teóricos, como outrora sucedeu na Grécia e em Roma, com as línguas e literaturas gregas e latinas. Tal estado de coisas já se verificava no século XIII. A partir dessa data, os estudos sobre língua e literatura apoiam-se nas ciências aparentadas, tidas como exatas na época. Nesse século, com os representantes da lírica provençal, vamos encontrar na România, os primórdios dessas disciplinas: glosas de textos em prosa, biografias dos trovadores e gramática do provençal antigo. O declínio da poesia dos trovadores favoreceu a influência cada vez maior dos dialetos vivos do sul da França sobre a linguagem poética dos trovadores do antigo provençal. Alguns filólogos, servindo-se dos meios da filologia clássica, procuraram elevar a língua popular à língua nacional, por nacionalismos, na época em que se constituíram os Estados. “O estudo do direito e da língua local obrigou até a reunir e determinar o significado das palavras arcaicas existentes nas fontes medievais da história e do direito, escritas em francês.” (Gröber, *História da Filologia Românica*, Strassbourg: 1905, p. 1 a 85, *Apud* IORDAN, 1962). No século XVIII, teve importância o problema da própria língua, sua observação e investigação, mas já sem o destaque que lhe deu o Renascimento. “A filologia românica limita-se a trabalhar sobre as obras literárias existentes.” (*Idem*). Já na Itália, houve tendência a evitar a palavra *dialecto* – em confronto com a língua dita culta. No século

XIX, com os irmãos Grimm, tomou forma a investigação linguística exata. Os Grimm reuniram a gramática comparada de Bopp e uma visão histórica da língua, dando origem à gramática histórico-comparativa. Tais métodos foram depois aplicados às línguas neolatinas por Friedrich Diez, o fundador da linguística românica. Com Sechehaye, a filologia deixou de desempenhar o papel de ligação entre a linguística e a ciência literária. “A língua não é algo de externo e transcendente ao homem, mas possui a sua verdadeira existência no indivíduo e, sendo assim, todas as transformações da língua podem se originar em um só indivíduo.” (Leskien. *A Declinação em Litauano, Esloveno e Alemão*. Leipzig, 1876, p. 12 e 13. *Apud* IORDAN, 1962).

A língua se apresenta misturada com elementos estranhos, mesmo dentro da língua concebida como unidade perfeita, ou seja, na língua de um só indivíduo, porque os chamados fenômenos de analogia têm nele sua origem. A possibilidade de mistura é ilimitada, indo do máximo ao mínimo, porque todos os indivíduos aprendem e modificam sua língua em contato com outros (IORDAN, 1962, p. 89).

A língua é, acima de tudo, um meio de comunicação entre os homens. “As línguas crioulas, línguas de necessidade, oferecem materiais muito valiosos para a discussão da origem da linguagem, coisa que as ‘línguas naturais’ não podem especificar” (IORDAN, 1962, p. 99).

Cada língua funciona sincronicamente e se forma diacronicamente. Mas esses termos não são antagônicos nem contraditórios, porque a formação realiza-se tendo em vista a função. (Coseriu. *Sincronia, diacronia e história*. Montevideo, 1958. *Apud* IORDAN, 1962).

## 2. *Histórico*

O estudo da linguagem sempre preocupou o homem. Na Grécia Antiga, em Eratóstenes, encontramos a palavra filólogo, com o sentido aproximado do que hoje chamaríamos bibliotecário: aquele que ama os tratados, por eles zela e cuida de transmiti-los. Na Idade Média, em favor de uma cultura teocêntrica, os estudos humanos foram relegados a plano secundário, ou se deixam levar pela intuição. O estudo da linguagem com foros de ciência tem cerca de 170 anos.

Nos alvares da Renascença, voltam-se as vistas para uma observação mais objetiva dos fatos da linguagem, com retomada dos modelos greco-latinos.

A saber:

1305 – Dante Alighieri, com *De Vulgari Eloquencia*;

1492 – Antonio de Nebrija, com *Arte de la Lengua Castellana*.

Já na Idade Média, surgem as academias: Academia de la Crusca, Academie Française etc. Por essa época, os europeus tomaram contato com o sânscrito, lançando-se, por comparação, as bases do Romanismo. Houve êxito, porque o povo conhecia o Latim Vulgar e os eruditos, além desse, o latim Clássico. As línguas românicas eram observadas ao vivo, sem descuidar as chamadas línguas mortas. Mas, foi no início do Século XIX, que, como diversas outras ciências, surgiu a Filologia, com objeto e método próprios, com os autores:

– François Raynouard – *Lexique roman ou dictionnaire de la langue des troubadours comparée avec les autres langues de l'Europe Latine e Grammaire comparée des langues de l'Europe Latine*. Roman, para esse autor, era o provençal antigo, que seria uma língua românica intermediária.

– Friedrich Diez – *Grammatik der romanischen Sprachen e Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprache*. (*Gramática das Línguas Românicas e Dicionário Etimológico Românico*)

Diez classificou as línguas românicas em línguas do este (romeno e italiano) e línguas do oeste (noroeste – francês antigo, provençal e francês moderno; sudoeste – espanhol e português).

– Graziadio Ascoli – *Arquivo glottologico*.

– August Schleicher – *Darwinische Theorie und der Sprachwissenschaft*. Quer aplicar à origem das línguas as teorias de Darwin.

– Hermann Osthoff e Karl Brugmann – *Morfologische Untersuchung* (Pesquisa morfológica)

– Hermann Paul. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. (*Princípios da História das Línguas*)

– Meyer-Lübke. *Grammatik der romanischen Sprachen e Romanisches etymologisches Wörterbuch*.

Já não se confunde som e letra, mas ainda se confundem as evoluções fonéticas. Ascoli valorizou dialetos, falas populares e substrato. Diz-se: “A língua é inferior às ciências exatas, porque nela não se podem estabelecer leis exatas.” As ciências naturais valorizaram-se com Darwin, incluindo-se aí a Fonética. Pretendeu-se estabelecer leis fonéticas com base nas leis naturais; as exceções seriam “deslizamento esporádico dos sons”, por analogia. A corrente chamada neogramática preocupava-se com o homem, não só com sua linguagem, dá importância ao aspecto psicológico:

– qualquer mudança de som, por ser mecânica, se produz por leis que não admitem exceções;

– na fala atuam duas forças – a física ou mecânica e a psíquica.

Meyer-Lübke quis ir à etimologia pela fonética. Já os neogramáticos limitam-se aos sons, muito influenciados pelas leis naturais, não cuidam da semântica, reúnem o material, agrupam e descrevem sem sistematização; não explicam o que entendem por dialeto; querem traçar limites geográficos e cronológicos rígidos, a analogia é relativa, porque as palavras se localizam num tempo e num espaço.

Exemplo:

<b>Latim</b>	<b>Português</b>	
umbram	sombra	Prótese de <i>s</i> por analogia com <i>sol</i>
stellam	estrela	Epêntese de <i>r</i> por analogia com <i>astro</i>
verricŭlum	ferrolho	Troca de <i>v</i> por <i>f</i> por analogia com <i>ferro</i>

Em resumo: o fenômeno que não se explica pelas leis fonéticas, explica-se por analogia, no dizer dos neogramáticos.

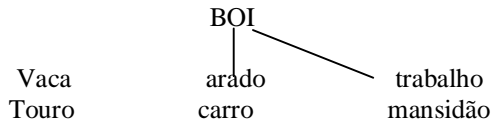
Depois de Saussure, temos A. Meillet (1866-1936). É imparcial e dá preferência à sincronia. O básico na linguagem é ser ela um sistema de meio de expressão e ser um fenômeno social.

Vendryés (1875-1960) ocupou-se das línguas clássicas e era especialista em celta.

*Fatos principais:*

- Linguagem como fator social e relação causal palavra-conceito;
- É negativo em relação aos neogramáticos;
- Dá ênfase à analogia;
- Trabalha com a sincronia;
- Afirma serem as categorias gramaticais *recortes* da sociedade (nomes – impressão estática do mundo; verbos, expressão dinâmica);
- Ocupa-se da língua afetiva, inclusive das onomatopeias;

Saussure, Vendryés e Meillet são indo-europeístas. Bally já é romanista. Ocupa-se, principalmente com a semântica.



As associações entre palavras ocorrem por diferentes critérios, como se observa no exemplo acima. Bally faz diferença entre *estilística* e *estudo do estilo*. Interessa-se pelas figuras de estilo, que, a rigor, não tem nada a ver com linguística. Estilística seria meio de expressão de expressão da fala de uma comunidade. Nós usamos palavras expressivas (ódio, saudade) e neutras (mesa cadeira) As palavras neutras podem adquirir expressividade, pelo contexto e pela entonação. O método de Spitzer é individual, o de Bally é social, ambos são psicológicos.

Dámaso Alonso critica Bally: ao usar a palavra estilística, Bally “desterra” o escrito; a língua literária não se afasta do coloquial.

**ESTUDO DO ESTILO**

Estudo da linguagem, artística (criativa) na língua falada, tem a ver com a particularidade. É a *parole*.

**ESTLÍ STICA**

Maneira de falar, linguagem oral é geral, é a língua.

Albert Sechehaye (1870-1946) contribuiu, com seus apontamentos e os de Bally para o curso para o *Curso de Linguística Geral* de Saussure. Seu erro foi representar o significante com ícones. A linearidade é a capacidade de uma manifestação linguística de cada vez. O pensamento pode ser intelectual ou afetivo. Há associação entre linguagem e pensamento. Para Sechehaye, primeiro vem a *langue*, a seguir, a *parole*. Faz mais sincronia que diacronia. Estuda a língua escrita, e não a fala, por ser essa contaminada pela coletividade. A língua pertence à psicologia coletiva e à individual, essa nos elementos extragramaticais (entonação, volume etc.). Dá um sentido amplo à palavra *gramática*. Distingue entre gramática sintagmática e gramática associativa.

Ferdinand Brunot (1860-1938) publicou *História da Língua Francesa*. Dá preferência à linguística sincrônica, preocupa-se com o social. Estuda relação entre pensamento e língua. Diz que a gramática limita muito, elimina  $\frac{3}{4}$  da realidade. O que existe de comum entre as diversas formas de expressão é a ideia comum de que os signos contribuem para a expressão. Os signos são arrumados não de acordo com sua ordem, mas de acordo com a ordem das ideias.

Maurice Grammont (1866-1947) dá muita importância à fonética, abordada do ponto de vista sincrônico. Retoma as leis fonéticas. Afirma serem tendências gerais que existem virtualmente na língua e terem origens nas constituições física e psíquica. Trabalha com assimilação e dissimilação, que têm motivação física e psicológica. Entre dois fonemas, o mais forte dissimila o mais fraco. Ex: *im + barba* > *imberbe*. A cada fenômeno observado, ele chama *lei*. Algumas seriam dissimilações normais, uma sequência que foge aos hábitos do ouvido. Ex: *cerèbrum* > *scelebro* – não passa a *bl* em italiano, pois não existe essa sequência nesse idioma. Em *Traité de phonétique* e em *La psychologie et la phonétique*, presta atenção ao fator estético da língua, a partir da harmonia, da expressividade, do ritmo, quantidade, intensidade, tom. O ritmo será tão importante quanto os outros traços.

A linguística caminha de uma diacronia a uma sincronia. A linguística românica é bastante rica e variada, mas não tem lugar privilegiado. A tendência atual é dar uma ênfase particular à geografia linguística, ou ampliar a pesquisa para o campo da sociolinguística. De qualquer forma, os pontos fortes são a geografia linguística e a estilística. Essa só teve avanço qualitativo, nas últimas décadas.

Em resumo; no século XIX tivemos duas correntes:

– escola romântica, ou da Alemanha – mística (*Volksgeist* = espírito do povo); diviniza a história, seu horizonte é metafísico, voltado para o medieval, arte popular; mais ou menos repelida pelo Positivismo, revigorou-se (*Geistgeschite* = história do espírito), com Goethe, Schiler, Grimm etc.

– escola positivista, francesa; aborda as ciências naturais, psicologia, materialismo, realismo, com Augusto Comte.

A tendência moderna é combinar as duas correntes, sendo difícil situar numa e noutra, cada autor.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALI, M. Said. *Investigações filológicas*. Com estudo e organização de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1972.

BASSETO, Bruno. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: EDUSP, 2001.

CAMARA Jr, J. Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio e Janeiro: Padrão, 1975.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: Ática, 1989.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

IORDAN, Iorgu. *Introdução à linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

MEIER, Harri. *Ensaio de filologia românica*. Rio de Janeiro: Grifo, 1983.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandez. *Introdução à linguística românica*. São Paulo: Cultrix, 1976.

NASCENTES, Antenor. *Estudos filológicos*. Organizado por Raimundo Barbadinho Neto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

SILVA NETO, Serafim. *Manual de filologia portuguesa: história, problemas, métodos*. Rio de Janeiro: Presença / Brasília: INL, 1988.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

\_\_\_\_\_. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.